

## **A categoria da totalidade concreta: o epistemológico e o ontológico na definição de um objeto de investigação científica**

**(The category of concrete totality: the epistemological and the ontological definition of an object of scientific research)**

**Mariana Favareto Silva<sup>1</sup>; Siumara Silveira Melo Quintella<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro SP  
mariana\_favareto@hotmail.com

<sup>2</sup>Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro SP  
pedagogia@unifafibe.com.br

**Abstract.** *This paper proposes to clarify the concept of category of concrete totality in order to identify the epistemological and ontological definition of an object of research. To develop the argument, the thread of discussion is founded on theoretical foundations of Marxist dialectics. Understanding the category as one of the concrete totality of historical materialism and dialectic is bound on the difference between the epistemological and ontological, a difference that refers the ideas for the whole and the part. In the Marxist view, the category of concrete totality is understood from the understanding that reality is concrete totality, founded on the principle: "Everything is connected with everything, and that the whole is more than the parts" these ideas, imbricated the issue at hand, since it is the nodal point of the concept discussed here.*

**Keywords.** *category of the concrete totality; dialectics of Marx; epistemological and ontological; object of analysis.*

**Resumo.** *O presente texto propõe explicitar o conceito de categoria da totalidade concreta<sup>1</sup> a fim de identificar o epistemológico e ontológico na definição de um objeto de pesquisa. Para desenvolver o argumento, o fio condutor das discussões ancora-se nos fundamentos teóricos da dialética marxista<sup>2</sup>. A compreensão da categoria da totalidade concreta como uma das categorias do materialismo histórico e dialético está vinculada na diferença entre o epistemológico e o ontológico, diferença essa, que remete as ideias relativas ao todo e a parte. Na visão marxista, a categoria da totalidade concreta é entendida a partir da compreensão de que a realidade é totalidade concreta, fundada no princípio: "tudo está em conexão com tudo, e que o todo é mais que as partes." Ideias estas, imbricadas na questão em análise, uma vez que se constitui o ponto nodal do conceito aqui tratado.*

*Palavras-chave: categoria da totalidade concreta; dialética de Marx; epistemológico e ontológico; objeto de análise.*

## **1. Aspectos Introdutórios: Referências Conceituais e Históricas**

No propósito de explicitar o conceito da categoria da totalidade concreta, um dos pontos centrais da filosofia clássica alemã que distingue a dialética da metafísica<sup>3</sup>, se faz necessário considerar alguns aspectos históricos, e conceituais, bem como os fundamentos teóricos que ancoram as relações epistemológicas e ontológicas desse conceito aqui posto em discussão.

Estudiosos do pensamento marxista e hegeliano, dentre eles, Lefebvre (1955, 1968, 1970), Kosik (2011), Luckás (1979), Almeida, Armoni e Oliveira (2007), oferecem os elementos fundamentais para a compreensão das discussões aqui levantadas, no que diz respeito à Dialética Marxista, e ao conceito da categoria da totalidade concreta.

Numa perspectiva histórica, a noção de totalidade foi apontada por Spinoza na filosofia moderna com a seguinte definição:

A posição da totalidade, que compreende a realidade nas suas íntimas leis e revela sob a superfície e a casualidade dos fenômenos as conexões internas, necessárias, coloca-se em antítese à posição do empirismo. (KOSIK, 2011, p. 41)

No que diz respeito à noção de totalidade, Hegel foi o primeiro a conferir a mais alta dignidade filosófica a esse conceito. Detectou-a cuidadosamente, analisou-a, examinou-a, elaborou-a na sua lógica, que se encontra em toda parte no hegelianismo. (Lefebvre, 1955, p. 39).

A lógica elaborada por Hegel<sup>4</sup>, parte da concepção que a negatividade e totalidade se pressupõem reciprocamente. Sem a negatividade, o todo não se põe, mas se o todo não é imanente em cada negação, tampouco a negatividade se efetiva de maneira determinada, isto é, positivamente.

O negativo é igualmente positivo, ou segundo a qual o contraditório não se dissolve no nulo, no nada abstrato, mas essencialmente apenas na

negação de seu conteúdo particular, ou segundo a qual tal negação não é toda negação, mas a negação da coisa determinada. (Hegel, 1963, p.35)

A noção de totalidade defendida pelo hegelianismo encontra-se aí uma contradição interna evidenciada por Marx, que a toma como princípio dialético e começa a elaborá-la no sentido da criação da dialética materialista<sup>5</sup>.

Marx contraria a dialética hegeliana quanto à forma de abordagem na questão da totalidade. Nas suas obras a noção de homem total surge a partir das críticas contra Hegel e as teses de Feuerbach, com o postulado de que o homem é totalidade. “O homem apropria-se do seu ser universal de maneira universal, portanto como homem universal”. (Marx: Manuscritos de 1844, citado por Lefebvre, p. 48, 1955).

Na sua obra Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844, Marx elabora uma crítica incisiva do idealismo hegeliano, ao qual se contrapõe à concepção materialista ainda nitidamente influenciada pela antropologia naturalista de Feuerbach. O homem, para Feuerbach, é um ser genérico, natural, supra-histórico, e não ser social determinado pela história das relações sociais por ele próprio criadas. (Marx, K. & Engels, 1991).

Sendo assim, Marx não toma o homem como um fato ou um todo dado, mas considera-o historicamente num processo contraditório.

De acordo Lukács (1979), o pensamento marxiano parte sempre da totalidade do ser social e volta sempre a desembocar nessa totalidade. Nesse aspecto, o trabalho é a categoria fundante.

Marx na sua obra Ideologia Alemã, Teses contra Feuerbach (1991), afirma que as forças produtivas aparecem como inteiramente separadas dos indivíduos, como um mundo próprio ao lado destes, portanto tem seu fundamento no fato de que os indivíduos que são forças daquele mundo existem fragmentados e em oposição mutua.

O próprio trabalho, só pode existir sob o pressuposto dessa fragmentação. De um lado, se tem uma totalidade de forças produtivas, como que uma forma objetiva e que, para os próprios indivíduos não são mais suas próprias forças, mas a da propriedade privada. De outro lado, enfrenta-se com essas forças produtivas, a maioria dos indivíduos, dos quais essas forças se destacaram e que, portanto, despojadas de todo conteúdo real da vida, tornaram-se indivíduos abstratos.

A única relação que os indivíduos ainda mantêm com as forças produtivas e com sua própria existência – o trabalho – perdeu para eles

toda aparência de auto-atividade e só conserva sua vida atrofiando-a. (MARX; ENGELS, 1991, p. 104-5)

Segundo o argumento defendido por Marx e Engels as coisas, portanto, foram tão longe que os indivíduos devem apropriar-se da totalidade existente de forças produtivas, não só para alcançar a auto-atividade, mas tão somente para assegurar sua existência.

Portanto, na visão marxista, a categoria da totalidade concreta é entendida a partir da compreensão de que a realidade é totalidade concreta, que se transforma em estrutura significativa para cada fato ou conjunto de fatos, no movimento de contradição dialética.

Onde a totalidade não é um fato formal do pensamento, mas constitui a reprodução mental do realmente existente, as categorias não são elementos de uma arquitetura hierárquica e sistemática; ao contrário, são a realidade “formas de ser, determinações da existência” elementos estruturais de complexos relativamente totais, reais, dinâmicos, cujas inter-relações dinâmicas, dão lugar a complexos cada vez mais abrangentes, em sentido tanto intensivo quanto extensivo. (LUKCÁS, 1979, p. 28)

Dessa forma, o pensamento Marxista mantém a unidade do real e do conhecimento, da natureza e do homem, e explora uma totalidade do vir a ser e do presente, que compreende níveis e aspectos ora complementares, ora distintos e contraditórios. (Lefebvre, 1970, p. 15)

Segundo Lefebvre (1970), essa noção de totalidade dialeticamente concebida tornar-se-ia assim a pedra angular não só da filosofia, da teoria do conhecimento e demais teorias, mas em particular nas ciências sociais, como unidade de investigação científica.

Nessa direção, Kosik (2011), afirma que a categoria da totalidade concreta atingiu no século XX, por um lado, uma ampla ressonância e notoriedade. Por outro, o perigo da degeneração do conceito, no sentido de transformar no seu oposto e deixar de ser um conceito dialético.

Esse risco decorreu da exposição desse conceito a banalidades, uma vez que nesse século desfechou-se um ataque dos empiristas<sup>6</sup> e idealistas<sup>7</sup> contra a concepção da

realidade como totalidade, fundada no princípio: “tudo está em conexão com tudo, e que o todo é mais que as partes.”

Kosik (2011) identifica esse ataque na visão dos empiristas, assim como dos existencialistas, explicitando que:

Para ambos, o mundo se estraçalhou, deixou de ser uma totalidade, transformou-se num caos; e a sua reordenação é tarefa do sujeito. No caso do mundo a ordem é introduzida pelo sujeito transcendental ou pela perspectiva subjetiva, para a qual a totalidade do mundo foi reduzida a pedaços e substituída pelo fragmentarismo dos horizontes subjetivos. (p. 51)

No seu ponto de vista, considera que esses ataques ideológicos contribuíram para que a ressonância do conceito da totalidade concreta se constituísse em um dos legados do século XX, no qual cabe à filosofia contemporânea distinguir por trás de cada concepção, e tendência das escolas o real problema do conteúdo dos conceitos.

Tal como nos adverte Almeida et al. (2007, p. 91), a principal dificuldade de entendimento dessa categoria, numa perspectiva dialética está no fato de compreendê-la do ponto de vista da metafísica.

## **2. Dialética Marxista: o Ontológico e o Epistemológico**

Ao tratar o conceito de categoria da totalidade concreta no presente texto reitera-se que, o fio condutor das discussões, ancora-se nos fundamentos teóricos da dialética marxista, a fim de identificar o ontológico e epistemológico na definição de um objeto de pesquisa.

A dialética marxiana desenvolve um complexo de mediações teóricas para se chegar à essência do real, dentre elas a teoria do ser social.

Ao considerar a ontologia como teoria do ser, e que o ser é a totalidade indivisível, e o concreto é tudo que representa uma totalidade, o ser humano, a história, a classe social, Marx (1818 – 1883), fundamenta a teoria do ser social a partir de Hegel (1771-1831), e dá um caráter no real. O que para Hegel seria no plano das ideias, para Marx seria no real.

Assim sendo, a dialética marxiana possui sua maneira particular de análise do Ser fundada no seguinte postulado: toda relação dialética possui três termos, a generalidade, a singularidade e a particularidade. A particularidade se dá, no ser genérico.

O Ser genérico, ou Ser geral, considera-se o homem independente da sua nacionalidade e cultura, enquanto o Ser singular remete ao Ser particular, diante de sua inserção incondicional com o Ser genérico, que quando contrapostos geram o Ser particular.

O Ser particular é o ser em relação aos outros, portanto o Ser é um, mas também é diverso – é a unidade na diversidade. Esses estados do ser dialeticamente remetem à totalidade num contexto histórico.

De acordo com Lukács (1979), a posição filosófica de Marx desde os tempos dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (1844), separa nitidamente dois complexos: o ontológico, o Ser social, que independentemente do fato de que seja ou não conhecido corretamente; e o método para captá-lo no pensamento, da maneira mais adequada possível. Por conseguinte:

A prioridade do ontológico com relação ao mero conhecimento, portanto não, se refere apenas ao ser em geral; toda a objetividade é, em estrutura e dinâmica concreta, em seu ser – precisamente - assim, da maior importância do ponto de vista ontológico. (p. 35)

Nesse sentido, próprio Marx afirma, no prefácio de 1859 da “Contribuição à crítica da Economia Política”, que não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. (LUKÁCS, 1979, p. 41)

Ao considerar a afirmativa de Marx, Lukács (1979), analisa que o mundo das formas de consciência e seus conteúdos não são vistos como um produto direto da estrutura econômica, mas da totalidade do ser social.

Do ponto de vista ontológico, isso significa que:

Pode existir o ser sem a consciência, enquanto toda consciência deve ter como pressuposto, como fundamento, algo que é. Mas disso não deriva nenhuma hierarquia de valor entre ser e consciência. (p. 40)

Dessa maneira, reitera Lukács (1979), que o caminho que Marx percorre entre o abstrato até a totalidade concreta, não parte de uma totalidade qualquer. O ponto de partida deverá ser uma categoria objetivamente central no plano ontológico.

Diante do exposto, sobre os princípios ontológicos fundamentais de Marx, outra questão relevante a ser tratada neste texto, se refere ao complexo de mediações teóricas, no que diz respeito ao epistemológico.

A epistemologia dialética de Marx tem como caráter a historicidade e dentro desta historicidade estão às categorias do método.

Assim, a epistemologia marxiana relaciona o objeto a ser conhecido ao sujeito cognoscente, a partir da abstração do sujeito. Nessa concepção, ambos são analisados separadamente, para que possam ser colocados em contato. Sendo assim, o objetivo da pesquisa epistemológica é com a verdade subjetiva.

Marx distingue sua concepção de investigação da realidade, formalmente, enquanto método de pesquisa e método exposição.

O método de exposição (ou reconstituição) é a síntese do objeto ou fenômeno estudado. Em outras palavras, pode-se dizer que é o modo como o objeto é apreendido e analisado.

Esse método se constitui no desdobramento das antíteses. É na exposição que o objeto desvela-se gradativamente conforme suas peculiaridades.

Nessa direção, Kosik (2011) explicita o método de investigação de Marx em seu caráter epistemológico:

O método de investigação se articula em três graus: minuciosa apropriação da matéria com pleno domínio material, nele incluídos todos os detalhes históricos aplicáveis disponíveis.  
Análise de cada forma de desenvolvimento do próprio material.  
Investigação da coerência interna, isto é, determinação da unidade das várias formas de desenvolvimento. (p. 160)

Assim sendo, os pressupostos do método investigação de Marx ancoram-se em Hegel, que na sua concepção todas as categorias ocorrem no pensamento.

Na perspectiva de Hegel, toda dialética está no plano das ideias. Nessa afirmativa está contido o conceito de redução fenomenológica, no qual propõe um processo de redução do ambiente em que se encontra para analisá-lo em outro ângulo. Para

compreender o mundo é preciso colocar-se fora desse mundo e olhá-lo em outras perspectivas, só assim é possível dialetizar, ou seja, modificar essas perspectivas. Portanto segundo Hegel, dialética é pensamento.

Marx, no Prefácio da Economia e Política de 1857, transforma essa concepção e atribui um caráter social e real a esse conceito, na afirmativa que vai colocar o método de Hegel com os pés no chão.

### **3. O Rigor Metodológico na Definição de um Objeto de Investigação Científica**

Ao considerar essas abordagens teórico-conceituais da dialética marxista sobre o conceito de categoria da totalidade concreta, na definição de um objeto de pesquisa, se faz necessário ainda, recorrer a outros aspectos do conceito aqui examinado, no que diz respeito ao rigor metodológico na delimitação de um objeto de pesquisa.

O epistemológico vem a partir do conhecimento do objeto. O objeto é a síntese da relação entre o universo da investigação e a categoria. Nas palavras de Almeida, o universo dá abrangência ao objeto de investigação e a categoria, dá profundidade a esse objeto.

O que dá rigor metodológico a um objeto de investigação científica é o método de análise e categoria de análise. As categorias constituem a base dos métodos de análise. Se não tiver categoria não tem objeto de pesquisa.

De acordo com Armoni (2007), todo método de análise, além de atender as leis da lógica, é constituído por categorias de análise<sup>8</sup>. Elas são conceitos gerais e esta característica permite formar a base do método, ou seja, são categorias que conferem a ele (método) a possibilidade de explicar o mundo (o real).

As categorias de análise, no seu conjunto, podem explicar qualquer relação, dinâmica, situação ou contexto de realidade. Dito de outra maneira: todo método, por meio da articulação de suas categorias, pode explicar qualquer aspecto da realidade. (p. 88)

A categoria é o grande alicerce da investigação científica, pois é nela que repousa o arcabouço teórico. Ela é o fio condutor da pesquisa, nesse sentido é o ponto crucial de fazer a crítica por dentro. Quanto mais se desenvolve as categorias, mais profundidade se



alcança na investigação científica. Desse modo, o pesquisador precisa da categoria de análise, para articular o objeto de estudo e universo da pesquisa.

Na concepção de Lefebvre (1955), o conhecimento é a aproximação eterna, infinita do pensamento ao objeto, deve ter como ponto de partida a unidade de dois aspectos contraditórios do universo, onde:

O fenomenal e o essencial, intimamente e objetivamente ligados. A análise quebra separa a totalidade, que devemos em seguida reencontrar. Impossível proceder de outra forma. Quem pensa simplesmente constatar ou descrever começa já, mesmo sem querer, a conceitualizar, isto é, procurar o essencial sob o acidental e o aparente; mas conduz mal a sua pesquisa. (p. 42)

Portanto, a natureza da pesquisa é epistemológica e todo exercício da pesquisa exige uma abstração. Nessa relação, o pensador é aquele que opera as categorias, recorta o objeto na epistemologia.

Com base nessas afirmativas, justifica-se a relevância do conceito da categoria da totalidade concreta na definição de um objeto de estudo.

#### **4. Considerações Finais**

Sem a pretensão de esgotar o tema exposto, pelos próprios limites do texto, mas na intenção de levantar algumas discussões diante da abrangência e complexidade do conceito aqui tratado, vale dizer que:

O homem é formado e nascido na metafísica, portanto é mais fácil pensar metafisicamente do que dialeticamente. O pensamento metafísico busca manter o equilíbrio, no sentido de determinar verdades concretas, em contraposição, para o pensamento dialético o movimento é indispensável e conta com mecanismos de contradição e superação para interpretar e modificar a realidade em que está inserida.

Diante de um objeto de pesquisa, a dialética questiona e pretende investigar as possibilidades as quais lhe foram atribuídas. Sendo assim, recorta-se o objeto na epistemologia e de posse dele é possível fazer uma análise ontológica, dentro de um caráter da historicidade.

Para finalizar as discussões nesse texto acerca das diferenças entre a epistemologia e a ontologia, no recorte de um objeto de pesquisa, a partir do conceito da categoria da totalidade concreta, mais uma vez recorre-se aos autores (ALMEIDA e ARNONI, 2007), que enfatizam o caráter abstrato do conhecimento em relação ao caráter concreto do Ser.

Nos diálogos entrecruzados desses autores no presente artigo, mostram que a diferença entre a ontologia e a epistemologia, está fundada na relação do Ser e no conhecimento. Uma das principais é que o Ser, ao contrário do conhecimento expressa uma totalidade concreta e indivisível, enquanto o conhecimento expressa o abstrato. Portanto, para conhecer é preciso abstrair, ou seja, separar as partes do todo. Tal como afirmava Marx (1993), toda antecipação perturbaria os resultados ainda por provar.

Espera-se que ao trazer essas discussões possam alertar os pesquisadores acadêmicos iniciantes que optam pelo referencial teórico do materialismo histórico e dialético. Nas palavras de Professor José Luis Vieira de Almeida proferidas ao ministrar a disciplina acima citada: “Sem categoria de análise e método de análise não tem tese. O ponto de fazer a crítica por dentro é a categoria de análise”.

## NOTAS

1. Trata-se de um conceito examinado nas discussões teóricas da disciplina - Uma abordagem da educação com base na Ontologia do Ser Social, do Programa Pós-Graduação em Educação Escolar da FCL/UNESP - Universidade Júlio Mesquita Filho – Campus Araraquara, ministrada pelo Professor Dr. José Luis Vieira de Almeida, no segundo semestre de 2012. Segundo Almeida, et al. (2007, p.89), as categorias do materialismo histórico e dialético são apresentadas como: o movimento, a totalidade, a contradição, superação e mediação. A categoria da totalidade concreta tem como postulado que o todo nunca é a soma das partes, não pode ser, também, mas do que a soma deles.
2. A dialética na concepção de Marx é a estrutura contraditória do real, que no seu movimento constitutivo passa por três fases: a tese, a antítese e a síntese. Ou seja, o movimento da realidade se explica pelo antagonismo entre o momento da tese e o da antítese, cuja contradição deve ser superada pela síntese.
3. Para explicitar a concepção da metafísica em Kant, utilizamos como referência a obra *Progressos da metafísica*, na qual o autor a define como efeito segundo a sua essência e intenção última, um todo completo: ou nada ou tudo; o que exige para o seu fim último não pode [...] ser tratado de “modo fragmentário”. “O fim último que se vota toda a metafísica, é fácil de descobrir e pode a este respeito estabelecer-se dela uma definição: é a ciência que opera, mediante a razão, a passagem do conhecimento do sensível ao do supra-sensível.” (KANT, 1995, p. 12).

4. Com a intenção de explicitar a noção de totalidade defendida pelo hegelianismo, no referido texto, busca-se na obra *Ciência e Lógica* (1963) de Hegel, os fundamentos das relações recíprocas entre o negativo e a totalidade.
5. Para o materialismo histórico dialético, o mundo empírico representa apenas a manifestação fenomênica da realidade em suas definibilidades exteriores. Os fenômenos imediatamente perceptíveis, ou seja, as representações primárias decorrentes de suas projeções na consciência dos homens desenvolvem-se à superfície da essência do próprio fenômeno. (MARTINS, 2006, p.9)
6. Do ponto de vista histórico, o empirismo foi definido pela primeira vez explicitamente pelo filósofo inglês John Locke (1632-1704), no século XVII. A tese fundamental do empirismo é: o conhecimento humano não tem caráter absoluto, isso significa que o homem jamais pode atingir a verdade de forma definitiva, pois o conhecimento humano enraíza-se nos fatos por mais que o homem observe suas relações não conseguirá descobrir neles necessidades. (CHAUI, M. 2005)
7. O idealismo é uma tendência filosófica que reduz toda a existência ao pensamento. O pensamento toma como ponto de partida para a reflexão o sujeito, e não o mundo exterior. Ao longo da história da filosofia, ele aparece sob formas menos radicais – não nega categoria a existência dos objetos no mundo, mas reduz o problema à questão do conhecimento. (CHAUI, M. 2005)
8. Embora o conceito de categoria de análise já foi apontado no texto, à clareza no uso da expressão categorias de análises, por Arnoni (2007) possibilita uma melhor compreensão da questão do método, e a sua relação com o epistemológico.

## Referências

- ALMEIDA, José Luis; OLIVEIRA, Edilson Moreira; ARNONI, Maria Eliza Brefere. **Mediação Dialética na educação escolar**: teoria e prática. São Paulo: Loyola, 2007. (Sociedade Educativa: consciência e compromisso).
- ARANHA, M. L. A. e MARTINS, M. H. P., **Filosofando, Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993, p. 88-90.
- CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2005.
- HEGEL, G. W. F. **A ciência da lógica**. São Paulo: Loyola, 1995.
- KANT, I. **Progressos da Metafísica**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. [Tradução de Célia Neves e Alderico Turibio] 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. (Rumos da cultura moderna)
- LUKÁCS, György; **Ontologia do Ser Social: Os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. [Trad. Carlos Nelson Coutinho] São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das ciências filosóficas. A Ciência da Lógica**. [Trad. Paulo Meneses] São Paulo: Loyola, 1995.
- Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, 1 (1): 245-256, 2014.

MARTINS, L, **As Aparências Enganam**: divergências entre o materialismo histórico dialético e as abordagens qualitativas de pesquisa dialéticas e as abordagens qualitativas de pesquisa. Disponível em: **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, 29, 2006, Disponível em: <<http://www.anped/26/l GT17/>> GT: Filosofia da Educação / . Acesso em: 16 de janeiro de 2013.

Marx, K. & Engels, F. **A ideologia alemã**. (Feuerbach). [trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira] São Paulo: Hucitec, 1991.

LEFEBVRE, Henry. **Lógica Formal e Lógica Dialética**. Madrid: Siglo Veintiuno de Espana Editores as, 1970.

\_\_\_\_\_. **Materialismo Dialético e Sociologia**. [trad. de Joaquim José de Moura Ramos]. Lisboa: Editorial Proença, 1955.

\_\_\_\_\_. **Sociologia de Marx**. [trad. Carlos Roberto Alves Dias] 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1968.